



**Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários (ISSN 1984-0705)**  
Patos de Minas: UNIPAM (2): 59-66, nov. 2009

---

## **Poesia e memória cultural: uma análise das principais influências do imaginário das águas português em composições de Dorival Caymmi**

**Ivanildo Bispo dos Santos Júnior**  
Graduando em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia.  
e-mail: ibsjilh@hotmail.com

---

**Resumo:** Neste artigo serão tecidas algumas considerações acerca das principais características da poesia portuguesa clássica e a sua influência nas composições *Canção da partida*, *Caminhos do mar* e *O bem do mar*, de Dorival Caymmi. Percebe-se que nessas canções o compositor suscita a forte relação melancólica e esperançosa do homem com o mar. Por meio da percepção desses sentimentos nessas letras, será possível vislumbrar uma analogia entre a constituição do imaginário das águas presente na poesia lusa e as suas principais influências na criação de algumas canções de Dorival Caymmi.

**Palavras-chave:** 1. música popular brasileira. 2. poesia portuguesa. 3. memória cultural. 4. Dorival Caymmi.

---

### **Introdução**

Já é de conhecimento geral que tanto a cultura portuguesa quanto a brasileira partilham inúmeras semelhanças entre si, as quais determinam certos pontos de convergência. Seja por meio da literatura, dos costumes, da arte, da religião ou das tradições, elas sempre irão estabelecer um diálogo estreito a fim de resgatar a memória cultural, o legado histórico e muitas outras particularidades que as tornaram tão próximas e, ao mesmo tempo, tão singulares. É a partir dessas intersecções que se percebem em quais momentos essas culturas se inter-relacionam e as razões desses pontos comuns.

Com o objetivo de evidenciar a aproximação dessas culturas, será desenvolvida uma análise das principais influências da poesia medieval lusa em três canções bastante conhecidas de Dorival Caymmi: *Canção da partida*, *Caminhos do mar* e *O bem do mar*, respectivamente. Somente por meio da percepção das semelhanças existentes na literatura e na

música popular brasileira será possível observar o modo como o imaginário das águas é constituído tanto na poesia clássica portuguesa quanto nas canções do compositor brasileiro. Contudo, intenciona-se aqui compreender primeiramente como a poesia medieval influenciou a moderna. Para isso, teceremos algumas considerações pertinentes sobre as relações do homem com o mar por meio do resgate das principais marcas da estética literária da poesia melancólica e ufanista de *Os Lusíadas*, de Luis Vaz de Camões. Posteriormente, iremos aplicar essas marcas ao analisar as canções de Dorival Caymmi.

Dado o exposto, o artigo encontra-se organizado em dois tópicos principais. No primeiro, serão suscitadas as principais características do imaginário das águas da poesia portuguesa. Já no seguinte, será feita uma análise das peculiaridades dessa estética literária na formação do imaginário das águas brasileiro, destacando em quais pontos eles convergem diretamente. Logo após, apresentaremos as considerações finais.

### **1. O imaginário das águas português: algumas considerações**

A forte ligação do português com o mar surgiu a partir da Idade Média, quando houve a queda do Império Romano e a possibilidade de Portugal se constituir como uma nação independente. Foi nesse período que os portugueses se lançaram a uma grande expansão marítimo-comercial que visava fortalecer o país após séculos de supremacia romana. Passada essa fase, os portugueses agora visavam descobrir novas rotas comerciais e investir em tecnologia naval, o que lhes garantiria futuramente um grande reconhecimento nesse âmbito. Graças aos investimentos feitos nesse setor, foi possível iniciar um processo grandioso de expansão territorial que culminaria posteriormente na agregação de várias colônias que serviriam incondicionalmente aos interesses da Coroa Portuguesa.

Em decorrência dos vários sucessos obtidos no processo de expansão e colonização, Portugal aos poucos ia se consolidando como uma potência comercial e, paralelo a isso, ia surgindo um grande sentimento de orgulho pelos seus feitos, o tão conhecido ufanismo luso exacerbado. Nesse mesmo sentimento, compreendia-se também uma grande dose de melancolia que envolvia tanto os desbravadores quanto aqueles que permaneciam em terra. Isso é perceptível claramente no poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa:

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu (PESSOA, p. 144, 2006).

Neste poema, fica clara a relação intrínseca do homem com o mar, pois só estabelecendo um vínculo interdependente o desbravador português poderá vencer as adversidades futuras ao se lançar ao desconhecido. Fernando Pessoa traz à tona também a temática da constante busca por um ideal, no caso, a do povo português em se lançar às águas bravias para a conquista de novos territórios com grande sentimento de melancolia e esperança.

Estes foram um dos traços marcantes da poesia lusa que tornaram tanto a cultura quanto a arte portuguesa reconhecidas internacionalmente. Ao enaltecer os triunfos das grandes conquistas é perceptível que, ainda nos dias de hoje, há traços marcantes da estética literária clássica na memória cultural portuguesa, o que revela o grande ímpeto luso de sempre querer manter vivo o seu passado outrora glorioso. Nesse sentido, Bachelard (1997) afirma que “todas as propriedades do real, uma vez sonhadas, tornam-se qualidades heróicas” (p. 156-7).

O sentimento de obstinação na busca de um ideal é uma temática comum também na prosa portuguesa contemporânea, tal como expresso em *O conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago, por exemplo. Neste, o homem português estabelece com o mar uma relação interdependente, característica comum à poesia de Pessoa. Entretanto, no conto saramaguiano, esta relação serve apenas como um pano de fundo para a percepção do fundo moral da estória: buscar no Eu interior as reais vocações e limitações para que os homens aprendam a se conhecer melhor.

É importante ressaltar que essa obra foi publicada em 1998 e que, mesmo na contemporaneidade, ainda houve a preocupação de resgatar os traços do imaginário das águas presentes na poesia clássica portuguesa. Isso só ratifica o fato de que a nação portuguesa ainda guarda em sua memória cultural os tempos áureos de grande prosperidade do passado. Nesse sentido, faz-se interessante a consideração de Bachelard (*op.cit.*, p. 140), que ilustra bem as razões que levam o português sempre a valorizar a sua história e sua cultura. Segundo o autor: “[...] acreditamos ser necessário considerar também uma valorização dos devaneios inconfessados, dos devaneios do sonhador que foge da sociedade, que pretende tomar o mundo como único companheiro”. Dessa forma, torna-se justificável o incessante ufanismo do povo português, pois é por meio dele que o imaginário nostálgico vai se perpetuando ao longo do tempo e tornando as manifestações artístico-culturais cada vez mais peculiares e singulares.

Sobre esse misto de fantasia e realidade aludido por Bachelard e presente na estética literária portuguesa clássica, é possível considerar que esse traço também se mostra bem evidente em *Os Lusíadas*, de Camões. Logo no início da narrativa é perceptível uma grande necessidade do português em satisfazer ao máximo o seu amor incondicional pela pátria por meio da exacerbação do sentimento heroico pelas conquistas, o que caracteriza bem a constituição do imaginário fantasioso e ufanista, como visto no excerto abaixo:

Não acabava, quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,

De disforme e grandíssima estatura,  
 O rosto carregado, a barba esquelada,  
 Os olhos encovados, e a postura  
 Medonha e má, e a cor terrena e pálida,  
 Cheios de terra e crespos os cabelos,  
 A boca negra, os dentes amarelos (CAMÕES, p. 51, 1962)

Nessa passagem, são evidentes alguns simbolismos que dão um toque de fantasia na descrição da passagem da nau portuguesa ao cruzar o Cabo da Boa Esperança. Nesse sentido, a construção do imaginário das águas ocorre quando o narrador personifica, por meio de características humanas, um fenômeno natural: uma tempestade iminente que se aproximava da embarcação. Assim, o “gigante Adamastor” nada mais é do que a representação fictícia desse fato.

Camões, ao descrever tal passagem, utiliza-se de artifícios únicos, como a personificação, para remeter à figura mítica características humanas e assim conseguir enriquecer a narrativa. Sobre a imaginação audaz que culmina na criação desse simbolismo, Bachelard (*op. cit.*, p. 157) relata que “só exemplos de uma imaginação incessantemente inventiva, [...] podem explicar essa aptidão para oferecer imagens materiais, imagens que ultrapassam a forma e atingem a própria matéria”. Dessa forma, fica claro que o povo português ainda guarda reminiscências medievais e que, no momento atual, tenta preservá-las ao máximo para garantir a sua identidade histórico-cultural.

Diante de alguns aspectos do ufanismo e da melancolia apresentados, é possível constatar que a literatura portuguesa medieval é marcada pelo profundo sentimento de ligação melancólica do homem com o mar. É essa relação indissociável que torna identificável ao mundo uma das particularidades histórico-culturais do povo português: a preservação ativa da memória cultural dessa nação ao longo dos séculos.

## **2. As influências da poesia lusa nas letras de Caymmi: um misto de melancolia e esperança**

Assim como a poesia portuguesa clássica, a música popular brasileira ao longo do tempo trouxe, em determinados momentos, as temáticas da melancolia e da saudade. Desde o início da década de 30, Dorival Caymmi, um dos grandes expoentes da MPB, já apresentava em algumas de suas canções mais conhecidas a retratação desses sentimentos. No entanto, percebe-se que em suas letras ele resgata a relação do ser humano com o mar de forma singular, revelando também um grau de envolvimento intrínseco do homem com as divindades africanas.

Por ter nascido na Bahia, local onde a cultura afro mais se arraigou, Caymmi explorou esse envolvimento a fim de ilustrar a inevitável interdependência de ambos, a qual revela também as heranças históricas do povo brasileiro. Isso fica bem claro na música *Caminhos do Mar*:

Quem ouve desde menino  
Aprende a acreditar  
Que o vento sopra o destino  
Pelos caminhos do mar

O pescador que conhece  
as histórias do lugar  
morre de medo e vontade  
de encontrar

Yemanjá Odoiá Odoiá  
Rainha do mar  
Yemanjá Odoiá Odoiá  
Rainha do mar (CAYMMI, *on-line*, 2009a)

A partir desta canção pode-se aludir a uma das características da poesia portuguesa medieval: a necessidade de se manter uma boa relação com as divindades ou seres mitológicos a fim de que o ser humano obtenha êxito em seus intentos.

Nessa letra, percebe-se o motivo que justifica as saudações fervorosas (Odoiá, Odoiá!) e, ao mesmo tempo, o temor a Yemanjá: o de tentar garantir a proteção e fartura ao humilde pescador no momento em que se lança ao mar para buscar o seu sustento. Em seu imaginário, o pescador reconhece a necessidade de venerar constantemente a “Rainha do Mar” para que ela promova a segurança vital para a sua sobrevivência no oceano. Dessa relação mútua de dependência, não só o homem sai beneficiado, mas também a divindade, porque se perpetua no imaginário dos homens.

Ainda sobre essa relação, nos remetemos novamente à passagem de *Os Lusíadas* na seção anterior. Nesta, a imaginação do narrador constrói uma personificação de uma forte tempestade provocada pelo furioso gigante Adamastor, para ilustrar o momento da difícil travessia pelo Cabo da Boa Esperança. Só por meio de um longo diálogo com o ser mitológico, os navegadores puderam então continuar a sua jornada. Daí, percebe-se a importância em sempre respeitar as divindades porque o homem sempre necessitará delas para obter a vital proteção nos momentos mais difíceis da vida.

A temática da esperança na busca de um objetivo é perceptível também em muitas passagens da obra de Camões, a partir das inúmeras passagens que ilustram o ufanismo nas aventuras dos desbravadores como, por exemplo, no momento em que chegam a Moçambique após cruzarem o Cabo da Boa Esperança, como registrado no canto V:

Assim que deste porto nós partimos  
Com maior esperança e mor tristeza,  
E pela costa abaixo o mar abrimos,  
Buscando algum sinal de mais firmeza.  
Na dura Moçambique, enfim, surgimos,  
De cuja falsidade e má vileza  
Já serás sabedor, e dos enganos  
Dos povos de Mombaça, pouco humanos (CAMÕES, p. 74, 1962).

Neste excerto ficam claras as primeiras impressões que os portugueses tiveram dos africanos, a de ser um povo desconfiado e aparentemente hostil. No início da estrofe, nota-se um misto de esperança e decepção pela terra descoberta. Nota-se que principalmente a esperança será o elemento que trará à tona o sentimento de supremacia e audácia do português ao chegar à nova terra.

Dentre outras relações possíveis entre esta obra e as composições de Caymmi, podemos citar a preocupação em retratar as descrições das viagens marítimas também com uma pitada de esperança, como na letra de *Canção da partida*:

Minha jangada vai sair pro mar  
 Vou trabalhar meu bem querer  
 Se Deus quiser quando eu voltar do mar  
 Um peixe bom eu vou trazer  
 Meus companheiros também vão voltar  
 E a Deus do céu vamos agradecer (CAYMMI, *on-line*, 2009b)

Assim como no trecho do canto V, nessa letra a audácia e a esperança estão presentes como combustíveis necessários à conquista de um ideal. Ao descrever uma jornada marítima em que um pescador apela a Deus para protegê-lo e garantir o seu sustento, percebe-se aí, em primeiro lugar, a audácia do homem para se lançar ao mar e enfrentar todos os infortúnios advindos deste. A partir desse gesto do pescador, percebe-se também que há o sentimento de esperança na crença de que Deus vai guiá-lo bem em sua jornada.

Já em *O bem do mar*, é possível notar que, além do sentimento de constante perseverança, há uma forte melancolia ao se retratarem sentimentos de amor diferentes: o do mar e o da terra:

O pescador tem dois amor  
 Um bem na terra, um bem no mar

O bem de terra é aquela que fica  
 Na beira da praia quando a gente sai  
 O bem da terra é aquela que chora  
 Mas faz que não chora quando a gente sai

O bem do mar é o mar, é o mar  
 Que carrega com a gente  
 Pra gente pescar (CAYMMI, *on-line*, 2009c)

Ambos são distintos através da breve explanação do modo de vida do pescador. Ou seja, ele sempre terá dois amores: o primeiro se mostrará a partir da intensa e duradoura relação de devoção com o mar – seu provedor de sustento, e o segundo será profundamente marcado pela melancolia e a saudade da sua mulher que fica em terra aguardando esperançosa o seu retorno.

Em vários momentos da literatura portuguesa medieval, percebe-se também que a mulher sempre se comporta dessa forma em diversos momentos. Isto pode ser explicado por meio do forte elo que o homem mantém com o mar – uma relação indissociável de interdependência. Nesse sentido, a mulher vê no seu homem o motivo da sua própria existência, a qual só estará preservada se ele voltar novamente aos seus braços. Dessa forma, a estreita relação que a mulher cria com o seu amado apenas serve de inspiração para que o homem não se desvirtue dos seus reais objetivos ao desbravar os mares, restaurar a sua completude.

Já na canção de Caymmi, em certos momentos, até pode parecer difícil prever a qual dos dois amores o pescador preferirá, porque a letra retrata ambos os sentimentos de forma intrínseca. Mas, de forma geral, compreende-se que o pescador, assim como o brasileiro, nunca é capaz de amar de uma única forma e numa mesma intensidade; sempre haverá espaço em seu coração para diferentes amores e sensações.

### **3. Considerações finais**

A partir das analogias observadas, percebemos que Dorival Caymmi consegue tanto aludir às principais características da poesia medieval portuguesa, quanto ao mesmo tempo resgatar a nossa memória cultural através da descrição do modo de vida simples, dos costumes e crenças daqueles que vivem no litoral brasileiro. Por esse motivo, constatamos que a literatura portuguesa clássica influenciou bastante a poesia e a MPB no tocante às representações de algumas de nossas particularidades histórico-culturais. É da relação comum entre as duas culturas que se estabelece o ponto de interseção na formação do imaginário das águas. Elas se referem ao mar sempre de forma semelhante por meio dos sentimentos de melancolia, nostalgia, devoção, ufanismo, etc. Será por meio da preservação dos pontos convergentes entre essas duas culturas que o imaginário tenderá a se perpetuar ao longo do tempo, tornando assim as suas linguagens e representações cada vez mais singulares ao mundo.

### **4. Referências**

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CAMÕES, Luis Vaz de. *Os Lusíadas*. 14 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2 ed. São Paulo: Martins, 1969.

CAYMMI, Dorival. *Caminhos do mar*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/dorival-caymmi/924242/>>. Acesso em: 25 mai, 2009a.

\_\_\_\_\_. *Canção da partida*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/dorival-caymmi/356563/>>. Acesso em: 25 mai, 2009b.

\_\_\_\_\_. *O bem do mar*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/dorival-caymmi/688628/>>. Acesso em: 25 mai, 2009.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PESSOA, Fernando. Mar português. In: *Fernando Pessoa: quando fui outro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. Identidade: cultura e memória, in: *Métis: História & Cultura*. Caxias do Sul, RS, v.6, n. 12, p. 137-151, jul./dez, 2007.

SOUSA, Mari Guimarães. *Literatura oral e o imaginário das águas: o caso do Biatatá em Pedras - Una/BA*. Monografia (Especialização em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) UESC: Ilhéus, 2004. 41f.